



> proa | ensaio visual

# > **A escrita no isolamento: quando o desenho vira parte constituinte da etnografia**

**Ana Clara Sousa Damásio dos Santos**

> [anaclarasousadamasio@gmail.com](mailto:anaclarasousadamasio@gmail.com)

**Mestre em Antropologia Social  
Universidade Federal de Goiás**

Há dias que não conseguimos escrever sobre o campo. A mão não desembola, as palavras ficam trancadas, ficam sem frase, ficam sem dedo, ficam sem papel. Elas não querem existir. Elas ficam presas em um mundo que não sei nominar. Às vezes elas não querem habitar um espaço tão inóspito e frio. Tento apanhá-las enquanto minha mãe me diz: “Você tem que se jogar para a vida! Ela foi feita para isso”. Em meio ao que ela chama de “vida” tantas coisas atravessam nossa escrita (como mais de mil mortos diariamente por COVID-19). Deixo as palavras quietas no próprio mundo por um tempo. Ainda assim, algumas grafias emergem tão tímidas e incompletas, com tanta falta de vontade e tão mal criadas. Outras composições vão ganhando espaço com os processos reticentes de escrever e fazer uma etnografia em meio a pandemia. Quando forçamos algo a crescer das nossas mãos, outras coisas desembolam, outras coisas existem (por mais tristes que sejam). Nada que cresce em meio a força, vinga. O processo de deixar florescer é essencial para que as palavras tenham cada vez menos medo e mais vontade.

Entretanto, como nos alerta Anzaldúa (2000: 234): “não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos” que a “escrita orgânica” atua”. É preciso expor nossa constante tentativa de entender e fazer sentido. Não fazemos apenas uma leitura do mundo ou uma interpretação de outras interpretações (Geertz, 2008) GEERTZ, mas também colocamos nossa capacidade criativa e visceral no momento em que escolhemos o que expor, mostrar e deixar acessível ao leitor último do nosso texto. Quando escolhemos que materiais e métodos usar ao longo das diferentes grafias que podemos acessar. Assim, o que mostrar e esconder pode ser muito bem comparado ao processo de desenhar. Onde para conseguir definir o volume de um objeto é necessário valorizar tanto a intensidade da luz de forma correta, como da sombra.

> A escrita no isolamento: quando o desenho vira parte constituinte da etnografia

Desenhar virou o caminho pelo qual eu dava vazão à experiência de pensar antropologicamente o processo de tentar escrever e fazer um texto. Em muitos dias, o desenho era a única maneira possível de expressar antropologicamente o que eu queria escrever. Ao mesmo tempo, o desenho transbordava e ganhava vida para além das palavras. Como apontado por Azevedo (2016), o desenho aqui produzido surge em conjunto com a palavra, em alguns momentos escapa e em outros luta contra ela.

Esse movimento de tentar escrever-desenhar ao longo de um contexto pandêmico poderia ser compreendido a partir do que Evaristo (2006) intitulou de “escrevivência”. É um constante processo de tentar entender o mundo em diálogo com o que vivemos e criamos. E nisso, a autora afirmava que a vida, de forma inexplicável, continuava a correr como um rio em meio a todo e qualquer acontecimento. Como uma oração, uma promessa, uma sentença. Sua escrita advinha de tudo que a compunha como ser, como ancestralidade, como gesto de vida e dor. Ela me ensinava, por fim, que escrever-desenhar-viver ao longo de 2020 eram experiências indissociáveis.



**Desenho 1** - O ensaio surgiu em conjunto a escrita da dissertação de mestrado (Damásio, 2020). A pesquisa ocorreu por três meses em Canto do Buriti-PI e procurava compreender as classificações locais associadas ao curso de vida. E a partir da elaboração da escrita da dissertação reconheci que eu não precisava efetuar uma reconciliação com a escrita, pois os processos históricos e etnográficos cortavam minha vida (meu sangue), existência e etnografia.

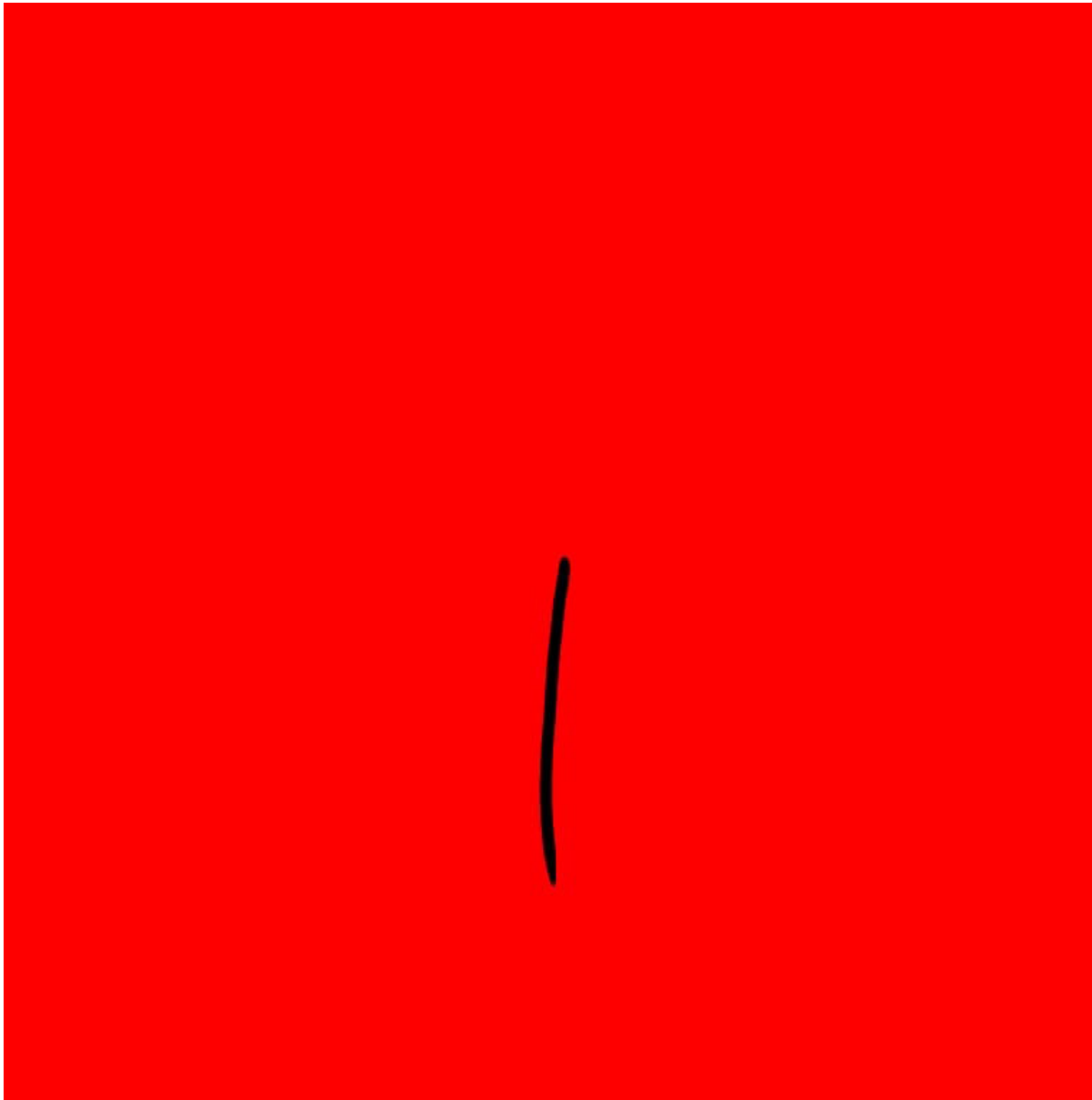


**Desenho 2** - Eu dialogava diretamente com o que chamei de parentes-interlocutoras. Então contar as histórias sobre minhas parentes-interlocutoras de Canto do Buriti-PI era também me contar por conseguinte. Falar sobre minha família e grupo de parentesco era refletir sobre uma família que estava em transformação, discontinuidades e deslocamentos.

<<<<<<<<<<<

ENSAIO VISUAL

375



**Desenho 3** - As formas como minhas parentes-interlocutoras estruturavam suas carreiras migratórias e como tentavam construir uma família unida mesmo entre-fluxos, mostrava como a família era importante para a constituição das minhas parentes enquanto pessoas. Isso atravessava, inclusive, minhas angustias, dores, ânsias e desconcertos de não saber falar sobre mim dentro dessas mesmas histórias. Foi a partir desse processo que o desenho emergiu com força para dar conta das sensações e percepções que extrapolavam as palavras.

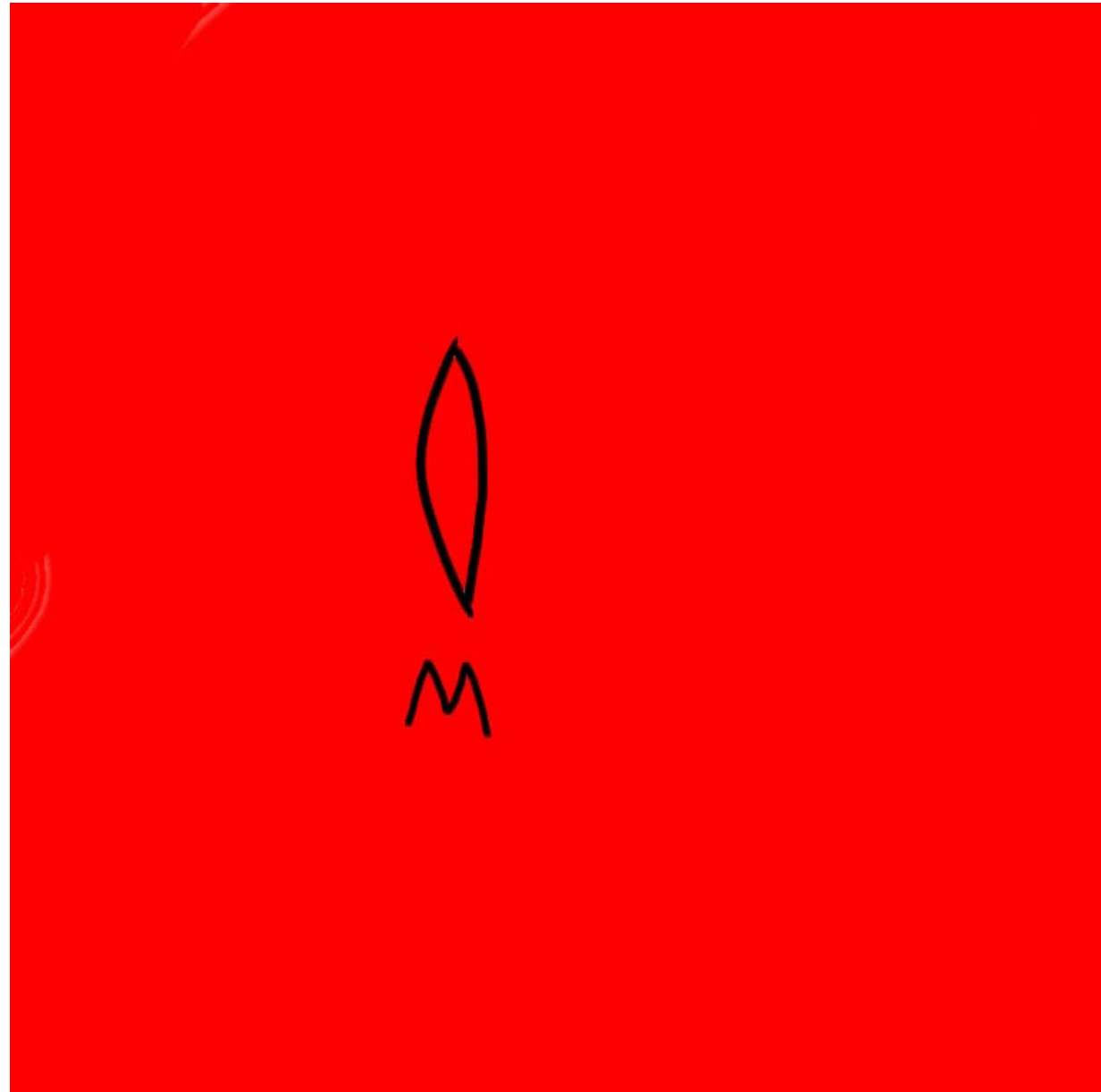


> A escrita no isolamento: quando o desenho vira parte constituinte da etnografia

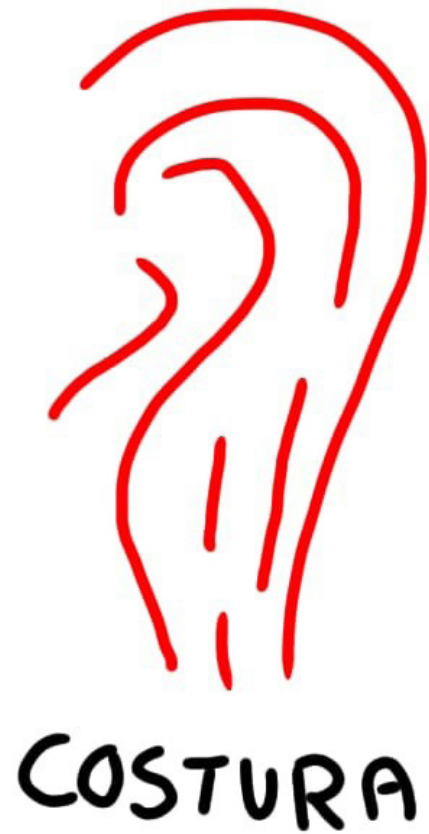


**Desenho 4** - Na dualidade "eu" e o "outro" ou o "Nós" x "Eles", a pesquisa com parentes na verdade embaralha e dissolve, em alguma medida, essa dicotomia.

> A escrita no isolamento: quando o desenho vira parte constituinte da etnografia



**Desenho 5** - Eu não posso simplesmente fechar um campo e, se quiser, nunca mais voltar. A minha experiência-em-campo é uma experiência-em-processo-para-toda-a-vida, pois há uma relação de temporalidade distinta. O estar-lá de que fala criticamente Clifford (2002) em termos da autoridade etnográfica implica estar-lá-por-um-certo-tempo. Para mim esse “estar-lá”, de certo modo, é por toda a vida.



**Desenho 6** - O desenho é constituído em dois movimentos contíguos. Fazer pesquisa enquanto eu fazia-família e vice-versa. Esse processo de pesquisa pode ser entendido nos termos colocados por Carsten (2014), que aponta o parentesco como espaço em que as pessoas constroem parte do seu “material imaginativo”. Mas também como sendo relacionado com o tempo, sendo feito, refeito, sendo construído e sendo constituinte de tantas outras coisas (inclusive de desenhos).





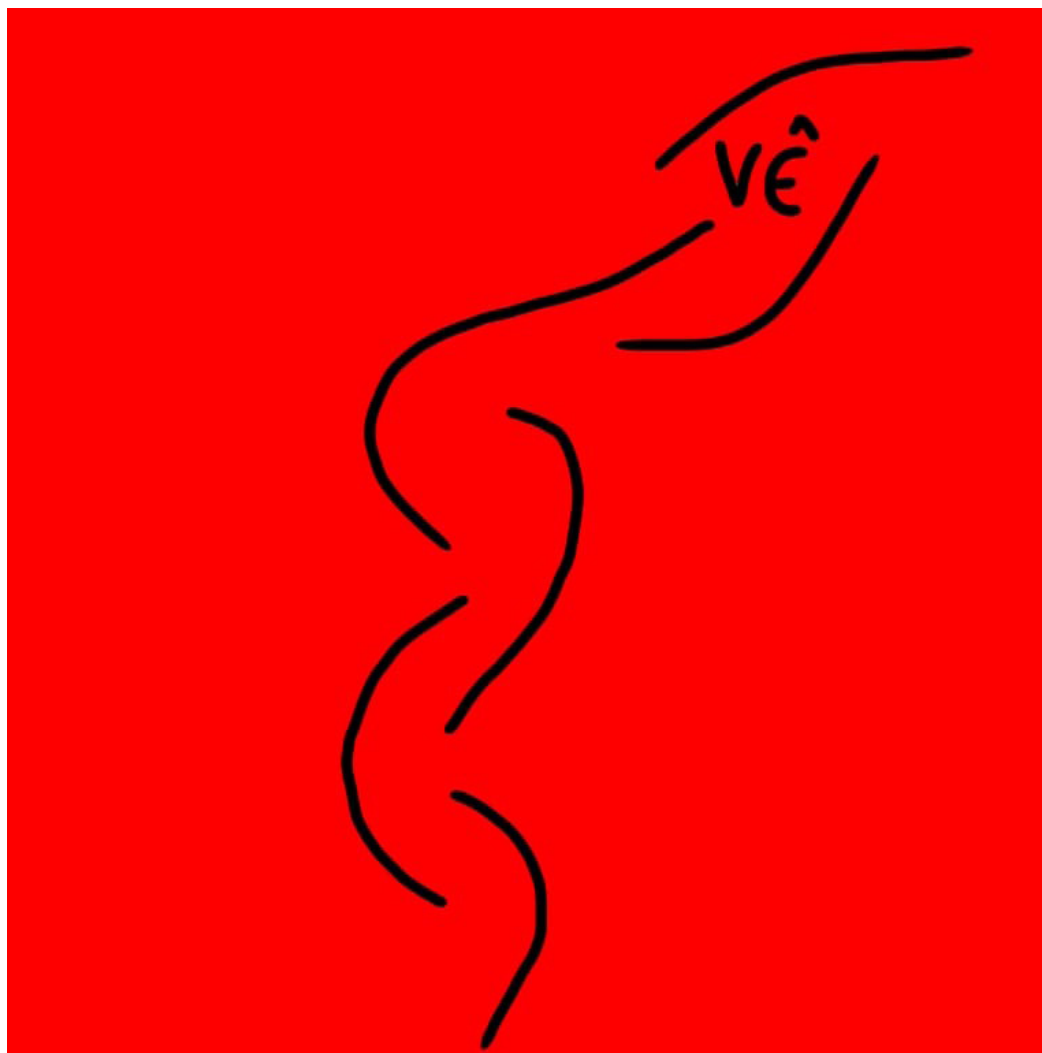
**Desenho 7** - Como pontua Peirano (2014: 42), “métodos (etnográficos) podem e serão sempre novos, mas sua natureza, derivada de quem e do que se deseja examinar, é antiga. Somos todos inventores, inovadores. A antropologia é resultado de uma permanente recombinação intelectual”. Essas recombinações expressam o lugar que diferentes grafias vão alcançando ao longo do fazer etnográfico.



**Desenho 8** - Nossa vida e biografia não estão separados da nossa forma de desenhar e fazer na antropologia. Nós fazemos e criamos a partir dos nossos corpos, vidas, biografias, materialidades, sonhos, atravessamentos e ancestralidades. Tudo isso influencia diretamente na forma de produzir.



> A escrita no isolamento: quando o desenho vira parte integrante da etnografia



**Desenho 9** - A família conseguiu reconfigurar minhas narrativas em relação a minha própria biografia. Por conseguinte, através dos "segredos de família" que descobri em campo fiz com que toda minha família e grupo de parentesco recriassem uma nova narrativa coletiva sobre a origem da família. Esses "segredos" que o campo remexeu acionavam novas concepções de mundo, valores, afetos e resvalavam nos "direitos" que eu teria em relação as histórias e lembranças que descortinei com o campo. Dessa forma, as devolutivas na pesquisa com parentes eram para além do tempo do campo.

> A escrita no isolamento: quando o desenho vira parte constituinte da etnografia



**Desenho 10** - Ao escolhermos entre uma fotografia, texto, desenho ou colagem (e tantas outras possibilidades), não estamos escolhendo entre um estilo mais "literário" ou "científico" (e acrescento também "artístico"). Estamos apenas escolhendo com qual "ficção persuasiva" dialogar (Strathern, 2013: 174). As ficções são construídas através de múltiplos instrumentos que tentam dar conta do mundo, mas que também constroem diversos mundos a partir desses mesmos instrumentos – como, por exemplo, os mundos desenhados.

## REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**. N.1. 229 – 236. 2000.
- AZEVEDO, Aina. Desenho e Antropologia: recuperação histórica e momento atual. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Vol. 5, nº 2/2016, pag. 15-32.
- CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. **R@U**, 6 (2), jul./dez : 103-118. 2014.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Editora UFRJ 2002.
- DAMÁSIO, Ana Clara. **Fazer-Família e Fazer-Antropologia uma etnografia sobre cair pra idade, tomar de conta e posicionalidades em Canto do Buriti-PI**. 2020. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das Culturas**. 1ed., 13. reimpr., Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, 20:377-391. 2014.
- STRATHERN, Marilyn. **Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

Recebido em 4 de setembro de 2020

Aprovado em 31 de dezembro de 2020

